



Ilustrações Lindsley Daibert

Ambigramas: leitura de imagens?

Lindsley Daibert

Lindsley Daibert é Mestre em Ciência da Computação pelo DCC/UFMG e Doutor em Literatura Comparada pela FALE/UFMG. É artista plástico e professor de Escultura na Escola de Belas-Artes da UFMG, desde 1989.

Resumo

Este trabalho tenta demonstrar a emergência de um novo fenômeno estético que lida com a manipulação criativa da palavra escrita: os *ambigramas*. Os resultados sugerem que a incorporação de seus procedimentos construtivos pelo campo literário poderiam enriquecer significativamente o repertório das poéticas visuais contemporâneas.

Palavras-chave: Ambigrama, palavra, poética visual.

No mundo ocidental, a palavra escrita é tradicional e pragmaticamente vista apenas como portadora de um significado semântico, e somente em algumas condições especiais é tratada

como um objeto visual, tal como em algumas poéticas visuais contemporâneas ou nas artes gráficas. O processo do aprendizado da escrita vai envolver necessariamente a observação de um modelo apresentado, a letra, que será literalmente copiada a partir de um desenho manual. Se encararmos a letra como um objeto, o que a pessoa estaria fazendo ao aprender a escrever seria na realidade aprendendo a elaborar um desenho de observação, aos moldes do desenho de um modelo vivo ou de uma paisagem, por exemplo. A única diferença é que o seu objeto de interesse é um signo verbal abstrato e arbitrário, sem nenhum referencial atual na realidade física a não ser ele mesmo. Poderíamos dizer então, na visão de um artista plástico, que o ato da escrita manual realizaria um desenho abstrato semantizado. Com a prática, a reprodução das letras acaba por se automatizar e o ato da escrita perde o maravilhamento inaugural da sua descoberta, tornando-se um processo quase que inconsciente.

À pergunta colocada "Quantos textos poderíamos ler numa mesma imagem?", pensamos quase sempre nas interpretações críticas ou literárias derivadas da análise de uma determinada imagem plástica. Mas há uma outra maneira de se responder a essa pergunta. Se encararmos a própria palavra como um objeto visual, existem várias maneiras especiais de se projetar e construir a imagem das palavras, de modo que elas possibilitem mais de uma leitura em seu corpo sígnico. As palavras assim modificadas são chamadas de ambigramas, e representam um fenômeno estético emergente de grande atualidade.(1)

O tratamento ambigramático das palavras compõe-se de um conjunto procedimental inédito em sua transformação do corpo material da palavra escrita, baseado primordialmente na ambigüidade visual do signo verbal convencional, transformado por operações geométricas e plásticas. Seu traçado vai se situar entre a escrita e o desenho, sem que um se sobreponha sobre o outro, devolvendo à palavra sua relação íntima com aquele.

Os ambigramas poderiam ser definidos como uma palavra, ou palavras, que sofreram alterações planejadas em sua estrutura visual, de modo a dotá-las de mais de uma possibilidade de leitura, ou de uma simetria que não possuíam naturalmente. É importante salientar aqui que utilizamos a palavra leitura em seu sentido estrito, como o ato de decifrar signos gráficos que representam a linguagem oral.

Quantos textos poderíamos ler então numa mesma imagem? Se a imagem em questão for um ambigrama, temos inúmeros casos publicados em que uma mesma palavra pode possuir duas ou mesmo mais leituras, às vezes até mesmo em línguas diferentes. Como exemplo veja a figura número 1. É um heterograma de rotação de

180 graus, assim chamado porque permite a leitura de duas palavras diferentes quando a mesma é girada em 180 graus.



Figura 1: Lindsley Daibert, Denegação (Sim/Não), heterograma de rotação, 2001.

Nesse caso são possíveis duas leituras, de duas palavras diferentes, no mesmo signo verbo/visual. Se utilizássemos três dimensões, seriam possíveis até três leituras diferentes do mesmo signo, como pode ser visto na figura 2, onde cada face do objeto projeta a sombra de uma letra diferente.

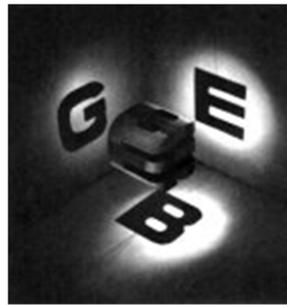


Figura 2: Douglas Hofstadter, GEB, ambigrama tridimensional, 1979.

Como os ambigramas exercitam o seu potencial nas fronteiras da palavra e da imagem, torna-se possível até mesmo a criação de ambigramas bilíngües, onde o signo verbo/visual traz em si mesmo a sua própria tradução. Veja na figura 3 como a palavra China, girada em 90 graus no sentido anti-horário, mostra o ideograma chinês para a mesma palavra. Hofstadter chamou esse ambigrama de *sinosigno*.(2)



Figura 3: David Moser, China (Inglês/Chinês), heterograma de rotação 90 graus, s/data.

Como o pensamento humano permanece em constante transformação, é interessante que surjam sempre novas formas de visualizá-lo. Para que a produção poética permaneça eficaz em seu potencial de transformação da realidade, seria necessário criar sempre novas formas sensíveis de se falar sobre o visível e o invisível. Os ambigramas trazem consigo um conjunto significativo de novas categorias formais que podem ampliar de forma expressiva o repertório procedimental dos criadores de plantão que trabalham com essa questão.

Somando a essas leituras múltiplas proporcionadas pelos ambigramas tudo o que ainda poderia ser dito sobre eles, temos então que a resposta à pergunta inicial parece tender ao infinito.